

# RESGATAR A MEMÓRIA

ISABEL PEREIRA LEITE\*

**Resumo:** *Sem livros, o Mundo não era nada. Nada seria, na medida em que é certo que praticamente tudo devemos a quem por cá passou antes de nós.*

*E de quem passou, o que ficou? Naturalmente, o registo da sua passagem; a memória da sua existência em múltiplos registos. O anonimato não existe, porque a memória se encarrega de integrar o testemunho de cada indivíduo num outro conceito – o colectivo. É do contributo pessoal que vive o colectivo – da conjugação de vidas sem nome e de nomes que para sempre serão lembrados.*

*Nos livros, tanto os que desapareceram, como os que preservamos, está a Memória do Mundo. Dos primeiros, dão notícia os segundos. Destes, colhemos cada palavra para que não venham a cair no esquecimento.*

*Ninguém escreve para ser esquecido. Não se daria a tal, se não entendesse que o que quer transmitir é importante e deve chegar ao futuro. É por isso mesmo que os leitores são fulcrais. São eles que transportam a memória e se encarregam de a resgatar a todo o momento.*

*A memória, qualidade da mente humana, mecanismo complexo associado a epítetos vários, eles próprios passíveis de análise, é o que os livros carregam; têm vindo a carregar, ao longo de milénios, mesmo que aos primeiros «livros» não nos possamos referir deste modo.*

*Múltiplos têm sido os suportes em que o registo «escrito» tem sido feito. Perenidade e destruição, a par disso, têm coincidido, ora promovendo a memória, ora concorrendo para que desapareça.*

*Porém, continuamos a viver entre livros; entre livros que falam de livros, que falam dos homens do passado e do presente; livros que, já hoje, são o futuro.*

**Palavras-chave:** Livro; leitura; memória; escrita.

**Abstract:** *Without books, the World would be meaningless. It would be meaningless for we owe practically everything to those who came before us.*

*And of those who came before, what has remained? Naturally, the record of their passage, the memory of their existence in multiple records. Anonymity does not exist because memory takes care of integrating the testimony of each individual in another concept – the collective. It is from the personal contribution that the collective lives – from the conjunction of nameless lives and of names that will be remembered for all times.*

*It is in books, both in those that have disappeared and those we have preserved, that the Memory of the World lives on. Of the former, the latter bring us news. From these, we harvest each word so that they do not come to fall into oblivion.*

*No one writes to be forgotten. They would not go to the trouble, if they did not think that what they want to transmit is important and should reach the future. It is for this very reason that readers are crucial. They are the ones who carry the memory and have the task of rescuing it at every moment.*

*Memory, a quality of the human mind, a complex mechanism associated to several epithets, which in themselves are potential objects of analysis, is what books carry; what they have come to carry over the millennia, even if we cannot talk of the first «books» in these terms.*

*Many are the supports on which the «written» record has been made. At the same time, perpetuity and destruction have coincided, at times promoting memory, at others, competing to destroy it.*

*However, we continue to live among books; among books that talk of books, that talk of men of the past and the present; books which, already today, are books of the future:*

**Keywords:** Book; reading; memory; writing.

---

\* Responsável pela Biblioteca Central da FLUP. Investigadora do CITCEM.

«*Vos estis sal terrae*. Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são, e preservá-lo, para que se não corrompa»<sup>1</sup>.

Assim rezava o Padre António Vieira, em S. Luís do Maranhão, no ano de 1654, acrescentando que já que os homens se não aproveitavam, mais valia pregar aos peixes...

Não serão os mesmos os destinatários do que escrevemos, mas seja este o mote do presente texto, apenas porque nos ocorreu estabelecer um paralelo entre o sal e a Memória, pois não deverá ser a Memória o sal da vida? O sal conservará a Memória, impedindo que desapareça ou seja desvirtuada. Será fonte de vida.

Nada há de mais intrínseco ao Homem do que a Memória. Sem esta, não existiria Mundo, por não haver como o alimentar. De facto, «Tudo passa, e nada passa. Tudo passa para a vida e nada passa para a conta. [...] Não há pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra na Terra, que não esteja sempre passando, porque tudo passa. Deste tudo que está sempre passando, é o homem não só a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo»<sup>2</sup>.

Se é verdade, ou não, que António Vieira muito cedo, de forma acutilante, se mostrou atento às coisas do tempo e dos lugares, nunca o poderemos garantir, já que, pessoalmente, jamais o provaremos. Resta-nos, pois, a tradição que corre a esse propósito:

- *Donde és?*
- *Vossemecê não me conhece.*
- *Eu conheço metade do mundo...*
- *Pois eu, senhor, sou da outra metade*<sup>3</sup>.

Este episódio, que um António Vieira criança protagoniza, relatado que tem sido até aos dias de hoje, não se perdeu no tempo. Já Vieira saberia que não há que tomar a parte pelo todo.

Do todo é feito o colectivo: do que cada um aporta, quase sempre sem premeditação, para a Memória do Mundo. Ao afirmarmos que a premeditação não estará obrigatoriamente presente nessa construção, não ignoramos, nem poderíamos ignorar, que muito do que chega até nós é resultado intencional da necessidade de preservar a Memória para que, a cada passo, possa ser resgatada.

O resgate, como já atrás o dissemos, será obra nossa. Elaboração ocasional ou concertada que não deixa, um segundo que seja, de fazer parte dos nossos actos. Tem, como pano de fundo, o passado e, naturalmente, o presente, embora nada haja de mais volátil do que o presente, porque o futuro, em direcção ao qual corremos velozes, está presente em cada dia.

---

<sup>1</sup> VIEIRA, 2001: 319.

<sup>2</sup> MARTINS, 2008: 133.

<sup>3</sup> AZEVEDO, 1931: 390 / adapt.

E é assim que, conscientemente ou não, cada um concorre para o resgate da Memória, porque o Homem é um ser eminentemente social que necessita de comunicar. Fá-lo-á de mil maneiras, quantas vezes com o imprescindível contributo do acaso, mas, as mais delas, registando, pelo seu punho, o que se lhe oferece, ou aquilo que procura.

Do ponto de vista cognitivo, a memória é um sistema de arquivo em três etapas: 1.<sup>a</sup> – codificação: atribuição de um código/rótulo à informação, preparando-a para ser armazenada e mais facilmente acedida. 2.<sup>a</sup> – armazenamento: colocação da «pasta» no arquivo. 3.<sup>a</sup> – recuperação: precisando da informação, há que procurar a «pasta» no arquivo e retirar dela o necessário.

A metamemória, que se desenvolve com a idade, é o conhecimento sobre a própria memória.

Ora, é no domínio do testemunho escrito, do que se vai escrevendo, imprimindo, editando, que mais nos queremos situar agora, já que estamos convictos de que, tal como temos vindo a afirmar de há anos a esta parte, ninguém escreve para o esquecimento. Não, definitivamente. Nunca se daria a esse(s) trabalho(s) – tantas vezes origem de agruras – se esse fosse o seu desígnio.

Tal não poderá deixar de nos transportar ao mundo dos livros perdidos, dos livros esquecidos. Será deveras possível acreditar que algo que um dia se tenha tornado «letra de forma», não venha nunca a ser recuperado, seja de que modo for, e, inevitavelmente, deva ser considerado perdido para sempre?

Por difícil que pareça, recusamo-nos a acreditar que não possa chegar até nós a lembrança da sua existência. Seria a negação da própria existência humana.

Cada Homem é único, por mais anónimo que tenha sido ou pense ser. O colectivo, como já afirmámos, não é feito senão do conjunto, em cada tempo e em cada lugar, do testemunho de cada um – do trabalho daquele que, com o primeiro artefacto, lavrou a terra; das mãos de cada artesão que molda o barro; de cada pintura rupestre e de cada paleta de cores; de cada momento de ócio, de prazer ou de labuta; do primor único de cada monge copista e do produto imediato que hoje sai de um teclado; da primeira queimada que ceifou a oito homens, animais e florestas e das radiações de um reactor nuclear com problemas; das primordiais tabuinhas da Suméria e dos esquiços de Da Vinci; do papiro, do pergaminho, do papel e do *ebook*; do ouro das iluminuras, passando pela letra encadeada dos documentos saídos das chancelarias filipinas, e de um «Arial» ou de um «Times New Roman»; da força devastadora com que se aniquilam bibliotecas inteiras e dos OPACs (Online Public Access Catalogues) da Biblioteca Apostólica Vaticana ou da Biblioteca do Congresso, em Washington; da «santa» obra da Inquisição e da reabilitação dos proscritos; das divagações lunáticas próprias dos loucos e da lucidez do cientista que descobre a cura que salva; do balbuciar de quem é iniciado nas palavras e da celebrada aclamação de um Prémio Nobel.

Assim sendo, que Memória é resgatada? A quem é que cabe o seu resgate? E para quê?

Se as considerações já tecidas serviram sobretudo para contextualizar a nossa ideia de fundo, prossigamos.

Provavelmente poucos sabem que no Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio, património da Universidade do Porto, existe uma colecção de cerca de mil amostras de madeiras do Mundo inteiro, amostras essas talhadas em forma de pequenos livros, dos quais constam os nomes das ditas madeiras e a indicação das suas respectivas proveniências.

Por quê em forma de livro? Imaginemos, simplesmente, porque a razão de tal opção não se encontra registada. Registemos nós, porém, aqui, que não deixa de ser uma requintadíssima combinação. Talvez venha a propósito lembrar Lavoisier: «Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma».

Estará, então, ao nosso alcance transformar a Memória, se for condição absoluta para que se perpetue, mesmo que subsista o risco de que seja alterada? Como missão universal, todos deveríamos concorrer para que, por exemplo, a memória oral se não perdesse.

E nomes, entre tudo isto? Todos, e nenhum em especial, porque apenas aqueles que constam dos livros, nem que tão somente nos cinjamos aos Livros de Registo das Conservatórias, terão existência confirmada.

Alberto Manguel, incontornável referência no que à história dos livros e da leitura diz respeito, afirma, baseado em Northrop Frye, que «a big library really has the gift of tongues and vast potencies of telepathic communication»<sup>4</sup>.

Se assim não fosse, o que conheceríamos, hoje, de Homero? Aliás, Homero, diz-se, era cego. E então? Borges também. E depois? Cumpriram menos a sua missão? E a de quem lhes veio no encalço terá sido mais espinhosa por essa razão? Certamente que não. Quando dizemos «todos», falamos de todos, sem excepção.

O livro que Indiana Jones procurava, quando Steven Spielberg se lembrou de contar ao mundo as suas aventuras, tal como o livro que constituiu o cerne da história que Umberto Eco e Jean-Jacques Annaud narraram no cinema, esse «Livro do Grande Tudo», é o livro de Isaac Asimov (*Foundation and Empire*); de Paul Auster (*City of Glass*); de Honoré de Balzac (*La Comédie Humaine: Illusions Perdues*); de Saul Bellow (*Him with his foot in his mouh and other stories*); de Jorge Luis Borges (*El Libro de Arena*); de Ray Bradbury (*Fahrenheit 451*); de Anita Brookner (*Lewis Percy*); de Italo Calvino (*Se una notte d'Inverno un viaggiatore*); de Roald Dahl (*Matilda*); de Anatole France (*Le Crime de Sylvestre Bonnard, Membre de L'Institut*); de Victor Hugo (*À qui la faute?*); de James Joyce (*Ulysses*); de David Lodge (*The British Museum is falling down*); de Guy de Maupassant (*Les soeurs Rondoli: Décoré*); de Robert Musil (*Der Mann ohne Eigenschaften*); de Rainer Maria Rilke (*Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*); de Arthur Rimbaud (*Les Assis*); de Saint-John Pearse (*Vents*); de Jean-Paul Sartre (*La Nausée*); de Paul Savatier (*Pour en arriver là*); de Robert Louis Stevenson (*Prince Otto*); de Elie Wiesel (*Der fünfte Sohn*); de Virginia Woolf (*Jacob's Room*); de Marguerite Yourcenar (*Mémoires d'Hadrien*); de António Lobo Antunes (*Memória de Elefante*); é o livro de tantos, tantos outros, sendo, também, o «Livro Secreto» de cada um de nós.

---

<sup>4</sup> MANGUEL, 2008: 7.

Umberto Eco – Eco, de novo – em *A Passo di Gambero* e, com Jean-Claude Carrière, em *Non sperate di liberarvi dei libri*, consegue sintetizar, provocatoriamente, o que não nos atreveríamos a dizer, por não sabermos como o fazer: «O nosso conhecimento do passado deve-se a cretinos, imbecis ou contraditores», sendo que «o elogio da idiotia» é vital<sup>5</sup>.

Mais de um século antes, pela pena de Eça de Queirós, emprestada a Zé Fernandes, a propósito dos 70.000 volumes da Biblioteca de Jacinto, no n.º 202 da Av. des Champs Élysées, foi escrita esta página de absoluta ironia, até por ter nascido de um dos maiores nomes da Literatura:

*[...] O Príncipe da Grã-Ventura, então, decidiu recolher para a cama – com um livro... e durante um momento, estacou no meio da Biblioteca, considerando os seus setenta mil volumes estabelecidos com pompa e majestade como doutores num Concílio – depois as pilhas tumultuárias dos livros novos que esperavam pelos cantos, sobre o tapete, o repouso e a consagração das estantes de ébano. Torcendo molemente o bigode caminhou por fim para a região dos Historiadores. Espreitou séculos, farejou raças: pareceu atraído pelo esplendor do Império Bizantino: penetrou na Revolução Francesa donde se arredou desencantado: e palpou com mão indeliberada toda a vasta Grécia desde a criação de Atenas até à aniquilação de Corinto. Mas bruscamente virou para a fila dos Poetas, que reluziam em marroquins claros, mostrando, sobre a lombada, em ouro, nos títulos fortes ou lânguidos, o interior das suas almas. Não lhe apeteceu nenhuma dessas seis mil almas – e recuou, desconsolado, até aos Biólogos... Tão maciça e cerrada era a estante de Biologia, que o meu pobre Jacinto estarreceu, como ante uma cidadela inacessível! Rolou a escada – e, fugindo, trepou até às alturas da Astronomia: destacou astros, recolocou mundos: todo um Sistema Solar desabou com fragor. Aturdido, desceu, começou a procurar por sobre as rimas das obras novas, ainda brochadas, nas suas roupas leves de combate. Apanhava, folheava, arremessava: para desentulhar um volume, demolia uma torre de doutrinas: saltava por cima dos problemas, pisava as religiões: e relanceando uma linha, esgravatando além num índice, todos interrogava, de todos se desinteressava, rolando quase de rastos, nas grossas vagas de tomos que rolavam, sem se poder deter, na ânsia de encontrar um Livro! Parou então no meio da imensa nave, de côcoras, sem coragem, contemplando aqueles muros todos forrados, aquele chão todo alastrado, os seus setenta mil volumes – e, sem lhes provar a substância, já absolutamente saciado, abarrotado, nauseado pela opressão da sua abundância. Findou por voltar ao montão de jornais amarrotados, ergueu melancolicamente um velho «Diário de Notícias», e com ele debaixo do braço subiu ao seu quarto, para dormir, para esquecer<sup>6</sup>.*

A tudo isto nos ocorre, quase de forma imediata, contrapor o que dizia Virginia Woolf, a propósito do prazer da leitura: «Yet who reads to bring about an end, however desirable? Are there not some pursuits that we practise because they are good in themselves, and some pleasures that are final? And is not this among them?»<sup>7</sup>.

Não nos restam dúvidas de que, tal como diz Rubem Alves, pedagogo brasileiro, todo o texto literário é uma partitura musical em que as palavras são as notas. «Os

<sup>5</sup> ECO e CARRIÈRE, 2009: 163; 193.

<sup>6</sup> QUEIRÓS, [19—]: 111, 112.

<sup>7</sup> WOOLF, 1972: 11.

compositores colocam nas suas partituras indicações para orientar o intérprete: *lento*, *presto*, *adágio*, *allegreto*, *forte*, *piano*, *ralentando*. Os escritores deveriam fazer o mesmo com os seus textos. Há textos que devem ser lidos lentamente, expressivamente, tristemente. Outros que exigem leveza, rapidez, riso. O leitor experiente não precisa dessas indicações. Mas elas poderiam ajudar os principiantes<sup>8</sup>.

Assim, resgatar a Memória pressupõe um processo de aprendizagem, embora aconteça, também, de forma intuitiva.

Há sempre alguém que, à semelhança de quem guarda rebanhos, como Alberto Caeiro, por ser mais experiente percebe que a espantosa realidade das coisas é a descoberta que delas faz todos os dias.

Recuperando intencionalmente o tema dos livros desaparecidos, encaremos a ideia do perecível, do banido, do «invisível» e puxemos de um belo texto de José Pacheco Pereira, para o citar: «Uma regra, com fundamento na minha experiência, diz-me que a partir de mil livros a biblioteca não contém só livros mas a identidade do seu «autor». São estas bibliotecas que me interessam, muitas vezes mais do que os livros em si, mesmo quando não contêm raridades bibliográficas. Bibliotecas que são parte de uma vida, livros que foram escolhidos por uma razão qualquer, que foram lidos pelo menos em parte, e que serviam mais de espelho do seu dono do que de fachada de estantes. E são essas bibliotecas que, na morte, são tão trágicas como é a morte de alguém»<sup>9</sup>.

Eis que surge, embora para nós não seja novidade, alguém que declara, empenhadamente, estar disposto a assumir, com determinação, a sua missão, já que promete que irá «à mais complicada arrecadação de terraço ou de garagem, buscar papéis para lhes dar outra vida». Se depender do humano esforço, fá-lo-á com muito gosto, mesmo sem garantias de eternidade. Que nada seja deitado fora!

A ideia de um cemitério de livros não tem nada de original. Muitos pegaram nela para belamente escrever grandes textos. Porém, uma interrogação persiste. Sendo indissociáveis, cada livro «é» um Homem, ou vários Homens. Que destino é o dos livros quando quem os criou parte deste mundo? Não nos parece que cada livro acompanhe aquele que o «deu à luz».

Permanece, isso sim, do lado de cá. Mas como, se é parte intrínseca de quem o escreveu? Se cada obra é o espelho da alma do escritor, vai-se-lhe, com ele, a alma. E fica, então, o quê? Um esboço pálido do que foi aquele que o fez nascer? Um vislumbre de uma passagem fugaz por este mundo?

Não! Não, de todo! O livro permanece, por inteiro, como testemunho vivíssimo do ser e do estar do seu autor. É por isso que não há cemitérios de livros. Mil vezes se cortarão raízes. Outras mil se cortaram já. Mas cortar a raiz ao pensamento é impossível. Deveras impossível. Se assim não fosse, não teríamos já entrado na segunda década do século XXI. Destruam-se Bibliotecas; queimem-se livros; rasguem-se folhas pejudadas de caracteres, ou mesmo folhas em branco – as folhas em branco podem ter múltiplos

---

<sup>8</sup> ALVES, 2004: 22.

<sup>9</sup> PEREIRA, 2010.

significados; mesmo assim continuaremos, de geração em geração, a lembrar e a escrever de novo o que nunca será esquecido.

E, afinal, o que é que jamais será esquecido? Nada será esquecido, porque ninguém passa por este mundo sem deixar vestígios; um insignificante vestígio, por mais que o seja, atestará que aquele Homem existiu. Para isso, também para isso, servem os livros. Mesmo que um livro venha a ser reduzido a cinzas, alguém, anteriormente, o teve nas mãos, e isso terá bastado, já que depois da tempestade há sempre quem fique para testemunhar a bonança que se lhe segue. A acalmia que experimentamos, passada a fúria, leva-nos, inevitavelmente, no encalço do que queremos reencontrar: o registo escrito é um dos mais preciosos e genuínos despojos da tormenta.

Ora, é aqui que agora pretendemos chegar para fazer, ainda que de forma lacunar e abreviada, uma espécie de inventário resumido da Memória que, haja o que houver, permanece, porque o Homem permanece, continua, numa reinvenção constante, sempre fiel à Memória, nem que seja apenas à «sua» memória. Fiquemo-nos por algumas datas dos dois últimos séculos:

1812 – Há um grande incêndio em Moscovo que faz desaparecer um elevadíssimo número de livros e algumas Bibliotecas;

1812 – Um grande terramoto destrói Mérida, na Venezuela e as suas Bibliotecas;

Início da 2ª década do século XIX – Durante a guerra entre os exércitos espanhol e napoleónico, é destruída a Biblioteca da Abadia de Montserrat;

1814 – Um incêndio na Biblioteca do Congresso, em Washington, reduz a cinzas milhões de livros;

1827 – Um grande incêndio destrói a Biblioteca da Catedral de Abo, na Finlândia;

1900 – Um incêndio na Biblioteca Hanlin Yuan, em Pequim, tem consequências catastróficas;

1906 – Um devastador terramoto em S. Francisco, na Califórnia, soterra milhões de livros;

1933 – São deliberadamente destruídos pelo fogo 20.000 livros, em Berlim;

1936/1939 – No decurso da Guerra Civil espanhola desaparecem, para sempre, milhões de livros;

1939/1945 – Aquando dos bombardeamentos, durante a 2ª Guerra Mundial, são destruídos milhões e milhões de livros;

A partir de 1966 – Durante o período da Revolução Cultural na China são destruídos incontáveis livros;

1975 – No Camboja, depois da vitória do Khmer Vermelho, surge, pendurado na porta da Biblioteca Nacional, um leiteiro que diz «Não há livros. O governo do povo triunfou»;

Atravessando do século XX para o século XXI – Os constantes conflitos judaico-palestinianos vão destruindo livros atrás de livros;

1980 – A partir desta data e durante o período da ditadura argentina, são confiscados milhões de livros às editoras;

1986 – Em Los Angeles, na Califórnia, são destruídos 800.000 livros pertencentes à Biblioteca Central, devido a um incêndio;

1988 – Cerca de 3 milhões de livros morrem pelo fogo na Biblioteca da Academia das Ciências de S. Petersburgo;

1992 – A partir desta data, e durante alguns anos, as guerras étnicas que grassam na Europa Central levam à destruição de milhões de livros;

1994 – Os sucessivos bombardeamentos na Chechénia aniquilam mais de 11 milhões de livros;

2001 – O ataque contra o World Trade Centre, em Nova Iorque, arrasa milhares e milhares de livros;

2003 – Ao longo de vários anos, a devastação e a pilhagem dos centros culturais de Bagdad, fazem desaparecer milhões de livros.

Nenhum livro de Confúcio chegou até nós. Todavia, Confúcio continua vivo. Os seus ensinamentos, apesar desse estigma de destruição que desde tempos quase imemoriais tem vindo a marcar os livros e é tão velho quanto o é o pensamento, chegaram até nós, porque, por cada livro desaparecido, outros vêm a luz. Por isso se multiplicam. É certo que a capacidade de cada vez conseguir ler mais depressa, que vamos adquirindo ao longo da vida e com o passar das gerações, tem influenciado esse processo de «ressurreição».

Querer sempre mais é apanágio com que nascemos. Se a isto juntarmos a importância que, aos nossos olhos, adquire tudo aquilo a que não podemos ter acesso, por não estar, simplesmente, ao alcance de ninguém, logo nos situamos no ponto em que se cruzam a curiosidade e a natural atracção pelos segredos que, durante milénios, alimentaram o percurso imparável da alma na senda do Paraíso Perdido. O mesmo paraíso que, especialmente nos românticos, se manifestou na nostalgia da ausência, na paixão pelo inalcançável, na atracção pelas ruínas.

Bem antes, na nossa Lisboa de 1540, João de Barros no *Diálogo de Preceitos Morais com Prática deles, em Modo de Jogo*, que escreve para dois de seus filhos, bem afirma que «[...] vendo os antigos filósofos que zelaram o bem comum, quão rudes e frios os homens andavam em conhecimento de si mesmos e no fim para que foram criados, pondo a sua felicidade em cousas finitas e a tempo terminadas [...]»<sup>10</sup> se ocuparam em tentar mostrar-lhes o(s) caminho(s). Não nos espanta que esses caminhos passassem pelo conhecimento das boas leituras, como adiante é dito.

A morte é inevitável. Quanto mais não seja, porque a nossa passagem pela vida é breve, todos os livros esquecidos a que pudermos ir lançando mão são, entretanto, importantes. Por outro lado, não há oportunidade que se repita. Quem pode ter a certeza de que o livro ao lado do qual passa indiferente não contém, ele mesmo, a palavra certa, que no momento certo, fará toda a diferença, transformando a banalidade em luz?

---

<sup>10</sup> BARROS, 1540: 2.



Que rapsódia é a história da Humanidade! A Filosofia não é outra coisa senão a contínua tentativa de organizar o conhecimento universal. De tentativa em tentativa, essa explosão do saber, que é produto do ser pensante, necessita de ser enquadrada na compreensão que o intelecto procura sem cessar. Por isso é que nenhum livro morre. Como dizia Pessoa, se «Morrer é apenas deixar de ser visto», um livro que se destrua, apenas deixa de ter existência física – o que contém prevalece e terá redobrado impacto. Curiosamente, permanece «livro» na nossa memória.

Aristarco, 1800 anos antes de Copérnico, já afirmava que a Terra girava em torno do Sol. A seguir veio Galileu que, obrigado a negar a evidência, ainda assim a deixou registada, com alguma argúcia e subtileza. Mesmo que os créditos de tal descoberta não sejam comumente atribuídos a Aristarco de Alexandria, já que a destruição da Biblioteca Alexandrina fez crepitar no lume os rolos da sabedoria que formavam o «Livro do Grande Tudo», obra permanentemente inacabada, eis que a memória repõe a verdade!

Descobrir a verdade e ter a coragem de a proclamar só porque, de facto, assim o é, custou e custa a muitos a própria vida. Mas seja qual for essa verdade, quem a descobre acaba, inevitavelmente por querer registá-la. E se se perder para o Mundo, de algum modo permanecerá, só porque é verdade. A inteligência humana encarregar-se-á disso.

Foi assim com Almançor, em Al-Hakan, no século X; em 1204, em Constantinopla, com a IV Cruzada; em Kioto, no século XV; no Mosteiro do Escorial, em 1571...

Bibliotecas aniquiladas, livros reduzidos a cinzas e, contudo, a dialéctica continua viva e há sempre quem chame a si a missão de a manter ressuscitada, porque a inteligência é um privilégio do ser humano que sabe que a sua sobrevivência depende da Memória registada.

O Mundo foi sempre fragmentado. Sempre o será, porque não escapa à barbárie da destruição cíclica da Memória escrita. E escrita pode ela sê-lo de múltiplas formas. Nem que seja a própria destruição a encarregar-se de o fazer, como aconteceu quando Heidegger se regozijou com o que o fogo fizera a algumas das obras de Husserl, que considerava abominável. Anteriormente, Newton tinha sentido o mesmo em relação a Flamsteed, cujas teorias refutava, tentando, igualmente, eliminá-las, para depois as plagiar.

Se vale a pena usar uma metáfora aliada a um outro recurso estilístico – a personificação – diríamos que os livros, tal como no Egipto faraónico, morrem para despertar para uma nova e plena vida no inframundo, onde Osíris não permite que haja dor nem doença. Osíris seria, então, o deus/homem que evita o esquecimento e se encarrega de zelar para que, num outro nível – o da Memória – a «aventura» continue.

Entre os Sumérios existia um mito, segundo o qual a civilização primitiva tinha sido destruída por um dilúvio a que apenas Utnapishtim, rei de Sippar, a cidade santa, sobrevivera, como o bíblico Noé. O Rei era possuidor de um saber ancestral registado em tabuinhas que transmitiu aos seus descendentes. O conhecimento escrito, protegido pelos deuses Nisaba e Nabu, venerados pelos escribas mesopotâmicos, era, pois, considerado o maior de todos os dons.

Numa abordagem paradoxal à importância do registo escrito da Memória, Peter Klein, personagem principal de Elias Canetti no romance *Die Blendung*, afirma, a dada

altura, que «os livros têm mais valor que os homens; são mudos; falam e são mudos; nisso reside o milagre: falam e entendemo-los mais depressa do que se fosse necessário ouvi-los na realidade»<sup>11</sup>.

Portanto o Homem ultrapassa-se a si próprio quando se torna autor, guardião da Memória, eterno escriba.

Apollinaire, que muito escreveu sobre bibliotecas, não se coibiu de afirmar que poucas vezes sentia prazer em permanecer nalguma delas. Preferia ir passeando ao longo das margens do Seine, «essa deliciosa biblioteca pública», onde livros e homens se sobrepunham. Se esta ideia puder contribuir para a felicidade, cada biblioteca poderá ser uma experiência de vida que conduza à eternidade, sendo esta equivalente à perenidade da Memória.

A felicidade, realmente, pode até assumir a forma de um livro, sendo que os dois vocábulos juntos – felicidade e livro – podem mesmo constituir um título. Assim aconteceu, em 1582, com *El Libro de la Felicidad*, encomendado por Murad III, sultão otomano, para Fátima, a segunda dos seus 103 filhos. Levado do Egipto, por ordem de Napoleão Bonaparte, encontra-se, hoje, na Bibliothèque Nationale de France. Há cerca de dois anos, o conceituadíssimo editor Manuel Moleiro apresentou uma edição facsimilada deste extraordinário códice. Tendo tido oportunidade de o ter nas mãos, foi com profunda emoção que o folheámos. Vislumbres do *Corão*, d'As Mil e Uma Noites, de *Sindbad o Marinheiro*, do *Livro das Maravilhas* de Marco Polo, do *Livro das Natividades* de Albumasar, da *Vida de Alexandre Magno*, entre iluminuras de incomensurável beleza, a representação gráfica de todas as nações do Mundo, em sinal de respeito, e abundantes miniaturas, lá estão, também os doze signos do zodíaco, fazendo a ponte que liga o reino dos sonhos e a adivinhação. Prodigiosas ilustrações percorrem toda a obra que, num registo interessantíssimo, nos oferece uma muito considerável representação de igrejas, prova de que, por essa altura, no Império Otomano, muçulmanos, cristãos e judeus viviam em paz.

Digamos, em jeito de conclusão, que esta última particularidade terá sido o motivo pelo qual *El libro de la Felicidad* sobreviveu intacto e chegou aos nossos dias.

A felicidade está, pois, ao nosso alcance, como este tão belo tratado que dela fala.

E, por que não dizer que a felicidade pode ser encontrada nos Livros?

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem (2004) – *Gaiolas ou asas: a arte do voo ou a busca da alegria de aprender*. Porto: ASA.
- AZEVEDO, João Lúcio de (1931) – *História de António Vieira*. 2.º vol. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- BÁEZ, Fernando (2009) – *História universal da destruição dos livros*. Alfragide: Texto Editores.
- BARROS, João de (1540) – *Dialogos de preceitos moraes co[m] prática delles, em módo de jogo*. Lisboa: per Luis Rodriguez. Disponível em <[http://purl.pt/12149/2/res-5658-3-p\\_PDF/res-5658-3-p\\_PDF\\_01-B-R0300/res-5658-3-p\\_0000\\_rosto-cap\\_a\\_t01-B-R0300.pdf](http://purl.pt/12149/2/res-5658-3-p_PDF/res-5658-3-p_PDF_01-B-R0300/res-5658-3-p_0000_rosto-cap_a_t01-B-R0300.pdf)>. [Consulta realizada em 13/05/2011].
- BONNET, Jacques (2008) – *Des bibliothèques pleines de fantômes*. Paris: Denoël.
- CANETTI, Elias (1975) – *Die Blendung*. Frankfurt: Fischer Taschenbuch.

<sup>11</sup> CANETTI, 1975: 89 / trad. livre.

- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude (2009) – *A obsessão do fogo*. Lisboa: Difel.
- LIBRO (*El*) *de la felicidad* (2010). Barcelona: Moleiro Editores. Edição fac-similada.
- MANGUEL, Alberto (1998) – *Uma história da leitura*. Lisboa: Editorial Presença.
- (2008) – *The blind bookkeeper (or why Homer must be blind)*. New Brunswick: Gooseland Editions.
- MARTINS, Francisco (2008) – *Padre António Vieira e o sermão de Santo António [aos peixes]*. Porto: Areal Editores.
- PEREIRA, José Pacheco (2010) – *O amador de livros perante as bibliotecas a morrer*. In «Público», 3 de Abril de 2010, p. 29.
- POLASTRON, Lucien X. (2009) – *Livres en feu*. Paris: Denoël.
- QUEIRÓS, Eça de [19—] – *A cidade e as serras*. Lisboa: Livros do Brasil.
- VIEIRA, António, Padre (2001) – *Sermões*. 1º vol. São Paulo: Hedra.
- WOOLF, Virginia (1972) – *Collected essays*. 2º vol. London: The Hogarth Press.

